

Panorama Político



ANC Tereza Cruvinel

As corporações

A nova Carta que se está produzindo, ao final das contas, terá sido decidida, em pelo menos 80 por cento, pela pressão corporativista, e não pelos compromissos doutrinários ou partidários. Assim avalia um dos muitos críticos do corporativismo brasileiro, o Deputado Afif Domingos (PL-SP).

— Está bem que os diferentes setores, sejam produtivos ou trabalhistas, organizem-se em defesa de seus interesses. Está bem que estas corporações canalizem politicamente suas reivindicações. O que não está bem é que os Constituintes, eleitos para fazer uma Carta para o País, estejam, cada um a seu modo, fazendo artigos para os grupos que representam. Na hora de votar, faz-se um troca-troca de apoios. Aqui ninguém é romântico de pensar no interesse do País. Aqui se pensa é só no gueto de onde cada um saiu — afirma o Deputado.

Agora, quando será votada a Ordem Econômica, o corporativismo anda solto pelos

corredores. Os distribuidores de petróleo, por exemplo, quase lincharam o Deputado Max Roseman porque ele pretende dar uma fatia de mercado à sua corporação predileta, a dos vendedores retalhistas. Cenas como esta repetem-se todos os dias no Congresso. Os **lobbistas** já são figuras populares, conhecidos nos cafés e gabinetes.

Se os Deputados estaduais, que farão as Constituições dos Estados, quiserem escapar à força do corporativismo — que, entre outros males, torna os partidos mais raquíticos — deveriam seguir pelo menos um conselho que lhes tem sido dado: deixem a guerra de interesses setoriais apenas para o plenário. Na Constituinte, que começou do nada, as subcomissões partiram das volumosas reivindicações que lhes foram levadas. É verdade que lá estiveram índios e empregadas domésticas. Mas o embrulho maior foi levado por quem teve o cordão mais forte.